

---

## UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O CURRÍCULO ESCOLAR: DO TRADICIONAL AO MULTICULTURAL

### A CRITICAL LOOK AT SCHOOL CURRICULUM: FROM TRADITIONAL TO MULTICULTURAL

Iva Vieira Mascarenhas<sup>1</sup>

Regiane Giori<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A construção do currículo escolar como prática social envolve questões complexas de poder. Uma forma de compreendê-lo é associá-lo ao contexto histórico em diferentes tempos e espaços. Assim, o objetivo desse trabalho é refletir sobre as teorias do currículo escolar a partir de uma perspectiva histórica: do tradicional ao multicultural. A pesquisa é de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, apoiada em autores como Vasconcellos (1995), Gesser (2002), Veiga (2002) e Silva (2010), entre outros. Os resultados revelam que conforme a sociedade foi se transformando as concepções de currículo também mudaram influenciadas pelo contexto sociocultural de cada período histórico. A diferença marcante das teorias tradicionais as teorias críticas e pós-críticas está na questão de poder embutida no currículo – currículo oculto. Embora o currículo multicultural atenda em parte as expectativas atuais é preciso criticidade. No currículo não há neutralidade, ele traz ideologias que podem contribuir ou não para uma educação inovadora.

**Palavras-chave:** currículo; visão histórica; criticidade; transformação social.

**ABSTRACT:** The construction of the school curriculum as a social practice involves complex issues of power. One way to understand it is to associate it with the historical context in different times and spaces. Thus, the objective of this work is to reflect on the theories of the school curriculum from a historical perspective: from traditional to multicultural. The research has a qualitative approach, of bibliographic nature, supported by authors such as Vasconcellos (1995), Gesser (2002), Veiga (2002) and Silva (2010), among others. The results reveal that as society has changed, curriculum concepts have also changed, influenced by the socio-cultural context of each historical period. The marked difference from traditional theories to critical and post-critical theories lies in the question of power embedded in the curriculum - hidden curriculum. Although the multicultural curriculum partially meets current expectations, it is critical. There is no neutrality in the curriculum, it brings ideologies that may or may not contribute to an innovative education.

**Keywords:** curriculum; historical view; criticality; social transformation.

## 1. INTRODUÇÃO

Com a popularização da internet, a aquisição da informação não se limita mais ao âmbito escolar como acontecia no passado. A educação contemporânea tem como desafio levar os alunos a transformarem a informação em conhecimento minimizando as

---

<sup>1</sup> Universidad Columbia del Paraguay. [ivabj2009@hotmail.com](mailto:ivabj2009@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidad Columbia del Paraguay. [regianegiori@hotmail.com](mailto:regianegiori@hotmail.com)

discrepâncias sociais. Moran (2012) salienta que as bases de uma educação inovadora devem integrar e inovar o conhecimento, desenvolver nos estudantes a autoestima/autoconhecimento, formar um aluno-empresendedor e cidadão além do processo ensino e aprendizagem flexível e personalizada. A sociedade muda constantemente, se reestrutura e organiza-se e, conseqüentemente impulsiona mudanças também na educação.

Nesse sentido, o currículo escolar construído nos tempos remotos para atender as especificidades daquele momento histórico torna-se incapaz de dar conta das demandas atuais. Contudo, para entender o currículo de hoje faz-se necessário um olhar histórico sobre ele associando-o as descobertas científicas, questões sociais e políticas que reconfiguraram a sociedade ao longo do tempo.

Uma dos pontos relevantes no currículo contemporâneo é o “currículo oculto” incutido nele, carregado de ideologias e poder que obscurecem seus verdadeiros objetivos confundindo o que realmente se deseja com a educação. Nesse sentido, [...] a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível. O discurso ideológico nos ameaça anestesiar a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos (FREIRE, 1996, p. 132). É, portanto, um desafio exigindo sobre ele um olhar crítico.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre as teorias do currículo escolar a partir de uma perspectiva histórica: do tradicional ao multicultural. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica. Na estrutura do trabalho apresentam-se os materiais e métodos da pesquisa, contribuições teóricas trazendo um pouco da história do currículo escolar ao longo dos tempos integrando-se na construção do currículo na contemporaneidade. Em seguida, são feitas as análises e discussões à luz do referencial teórico para apresentar as considerações finais sobre a pesquisa.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é de abordagem qualitativa preocupando-se “[...] Com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, [...] (MINAYO, 2002, p. 21-22)”. Busca indícios que mostram a relação do currículo com a realidade social em diferentes épocas históricas e pressupostos que ajudam na construção de um currículo no contexto atual de uma educação inovadora.

Para a produção dos dados nos apoiamos em Gil (2008) que trata da pesquisa bibliográfica. Ele explica que a fonte para a produção de dados são materiais publicados por autores que tratam do assunto em estudo. Foram utilizados livros, dissertações e artigos científicos que versam sobre o currículo escolar tanto no cenário internacional como no Brasil.

### 3. UM POUQUINHO DA HISTÓRIA SOBRE O CURRÍCULO ESCOLAR

O currículo escolar não é algo estável, pronto e definitivo. Ele é construído através dos tempos mediante as concepções que se tem de educação, homem e mundo. As descobertas científicas e tecnológicas transformam a sociedade e influenciam na construção do currículo escolar conforme veremos a seguir.

Para Gesser (2002), os currículos anteriores a 1900 basearam-se nas tradições do ocidente centrado basicamente em desenvolver habilidades profissionais com sistema de aprendizado feito por artesãos em casa. Ela explica que o currículo não existia de forma organizada e oficializada sendo os conhecimentos cristãos repassados as novas gerações. E continua com destaque para os séculos XVII e XVIII onde as ideias Iluministas ganharam destaque e o currículo deixou de ser baseado na fé e passou a ser regido pela “[...] razão, no método científico e nas experiências para prover a base de julgamento com relação às formas justas e adequadas para viver em sociedade (GESSER, 2002, p. 73)”.

No final do século XIX e início do século XX ocorreram mudanças sociais significativas oriundas do processo de industrialização e urbanização, o avanço das vias férreas e a migração de europeus e o currículo passou a ser um campo sistemático de trabalho na educação (GESSER, 2002). Entre outros fatores históricos, a autora destaca o desencadeamento de dois movimentos: o primeiro o currículo tecnicista com objetivo de aplicar a técnicas da indústria para fazer o currículo da escola eficiente transformando os estudantes em bons trabalhadores, com bom desempenho econômico; o outro se configura pela educação progressista de Dewey nos anos 20, onde o currículo foi concebido como um processo entre professores e estudantes que determinariam o que valeria a pena ser estudado. E Schubert (1986) lembra que Dewey argumentava que as experiências e interesses da criança devem ser a base para a educação.

Luckezi (1994) ressalta que o currículo tecnicista via na educação escolar uma forma de organizar o processo de aquisição de habilidades e conhecimento específicos para os

indivíduos se integrarem na máquina do sistema social global. Destaca que os conteúdos curriculares eram compostos pelos princípios científicos e leis, definidos e ordenados por especialistas onde o conteúdo de ensino encontrava-se nos manuais, livros técnicos e didáticos prevalecendo o método da transmissão e recepção cabendo ao professor modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais.

Moreira (1990) evidencia que o currículo sugerido por Dewey revela um compromisso tanto para o crescimento individual como com o progresso social, cujo currículo estava centrado nas experiências das crianças, o professor como facilitador e organizador da aprendizagem, mas ainda assim enfatizava a importância do conhecimento sistematizado. No Brasil, de acordo com Moreira (1990) seus princípios educativos influenciaram nas ideias escolanovistas de educação que foram dominantes no país no período de 1945 a 1960.

Cabe ainda ressaltar que no período de 1920-1930 aconteceram fatos históricos marcantes como a quebra da bolsa de valores em Nova Iorque (1929) e as consequências da Primeira Guerra Mundial na Europa e no Brasil acontece a “Semana de Arte Moderna” (1922) e o Movimento Tenentista, entre muitos outros que refletiram no currículo escolar proposto pelas políticas públicas. Após a Segunda Guerra Mundial o campo do currículo é iluminado pelo trabalho de Ralph W. Tyler, por meio de seu livro *Princípios Básicos de Currículo e Ensino*, Publicado em 1949 em Chicago cujo currículo deveria ser elaborado em quatro etapas: 1. Enunciar os objetivos educacionais; 2. Selecionar as experiências educacionais para alcançá-lo; 3. Organizá-las de modo eficiente; 4. Avaliar se os objetivos estão sendo alcançados – embora as necessidades dos alunos e da sociedade fossem consideradas, o papel do professor era limitado a implementação desses objetivos (GESSER, 2002), para Moreira (1990), em sua obra não há indícios da necessidade de uma sociedade diferente da capitalista vigente.

Com o passar do tempo, a sociedade se reconfigura e essa ideia de currículo entra em decadência. O lançamento do Sputnik traz para o auge a ciência e a tecnologia influenciando significativamente a concepção de currículo além do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos nas décadas de 60 e 70 espalhando-se por todos os contos inclusive no Brasil. É num cenário conturbado que duas obras transformadoras do sistema educacional são publicadas: Ideologia e currículo de Michael App (1979), articulando reprodução com produção, hegemonia e ideologia de grupos dominantes dentro da sociedade; o livro Pedagogia do

Oprimido, de Paulo Freire (1970) impulsionando a *Pedagogia crítica* – a libertação do indivíduo por meio do estudo crítico da realidade. As questões “o que ou como ensinar?” são substituídas por: “por que alguns aspectos da cultura social são ensinados como se representassem o todo social?” (LOPES; MACEVO, 2011, p. 31), recriando o conceito de currículo oculto procurando dar conta das questões de poder que circundam o currículo.

Dos anos 90, até a atualidade a educação é percebida dentro de um contexto multicultural onde o currículo deve ser organizado levando em consideração a raça, gênero, diferenças individuais, problemas sociais e equidade. Nessa perspectiva o currículo “pós-moderno” deve se construir pautado no contexto histórico com intuito a provocar mudanças sociais e não narrar linearmente a história privilegiando determinado espaço, povo e cultura em detrimento a outros. “O pós modernismo, assinala uma mudança em direção a um conjunto de condições sociais que estão reconstituindo o mapa social, cultural e geográfico do mundo e produzindo, ao mesmo tempo, novas formas de crítica cultural” (GIROUX, 1993 apud MORREIRA 1997, p. 15). O currículo foi construído desde os tempos mais remotos e continua sendo elaborado nesse momento histórico que vivenciamos.

### **3.1.A construção do currículo escolar na contemporaneidade**

Ao pensar o currículo numa trajetória histórico identificam-se duas teorias de currículo distintas: as teorias tradicionais e as teorias críticas e pós-críticas do currículo. Silva (2010) explica que o que difere essas teorias é praticamente a questão de poder. Segundo ele, isso acontece quando se faz alguma seleção, privilegia um tipo de conhecimento em detrimento a outro, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal. Considera que as teorias tradicionais por aceitar mais facilmente os conhecimentos e saberes dominantes como inquestionáveis acabavam por se preocupar com a organização de como transmiti-lo, isto é, concentravam-se em questões mais técnicas.

Na visão de Silva (2010), as teorias do currículo crítica e pós-crítica argumentam que nenhuma teoria é neutra, científica ou desinteressada, mas inevitavelmente implica relações de poder. Para o autor a pergunta que se faz ao currículo não é “o quê?”, mas “por quê?” ensinar determinado conhecimento, quais os interesses em incluí-lo no currículo. Assim,

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimento e saberes selecionando-se aquela parte que vai construir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados (SILVA, 2010, p.15).

Segundo Vasconcellos (1995) a educação é um processo sobre o qual o conhecimento se produz, reproduz, conserva-se, sistematiza-se, organiza-se, se transmite e se universaliza. Ele toma a abordagem dialética como princípio na organização do currículo privilegiando a realidade como ponto de partida que ao analisá-la, percebe seus problemas e contradições a serem discutidas buscando assim, elevar o nível de consciência a possibilidade de compreensão e transformação. O currículo "não pode ser pensado apenas como um rol de conteúdos a serem transmitidos para um sujeito passivo. Temos que levar em conta que as habilidades mentais, por exemplo, também fazem parte dele" (VASCONCELLOS, 1995, p. 56). Ele advoga que o planejamento curricular é um processo de tomada de decisões pela escola que se preocupa em oferecer ao estudante uma proposta geral das experiências de aprendizagens através dos diversos componentes curriculares.

Moreira e Silva (1997) entendem o currículo como um campo permeado de ideologia, cultura e relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. "O currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão" (MOREIRA; SILVA, 1997, p. 28). Eles consideram que o currículo corporifica as relações sociais, logo, currículo, poder e identidades sociais estão implicados.

Forquim (2000) vê o currículo como um conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos (saberes, competências, representações, tendências, valores) transmitidos de modo explícito ou implícito nas situações de escolarização. Para ele o currículo é visto no sentido mais amplo e alerta que um ensino só se torna multicultural quando desenvolve escolhas pedagógicas que são éticas ou políticas favorecendo numa mesma escola verdadeiramente pluricultural o reencontro e a interação entre indivíduos portadores de identidades culturais distintas. Para Veiga (2002) o

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (VEIGA, 2002, p.7).

Veiga (2002) destaca alguns pontos relevantes sobre o currículo, a saber: ele refere-se à organização do conhecimento escolar que é dinâmico e não simplificação do conhecimento científico, portanto, há necessidade de refletir sobre o processo de produção do

conhecimento escolar uma vez que é simultaneamente, processo e produto; na organização curricular é preciso que a escola identifique e desvele os componentes ideológicos do conhecimento escolar que a classe dominante usa para manter seus privilégios; o currículo não pode ser separado do contexto social e a escola deve procurar organizar o conhecimento escolar através de uma relação aberta e inter-relacione-se em torno de uma ideia integradora – currículo integração; outro ponto a ser considerado é a questão do controle social que é instrumentalizado pelo currículo oculto por meio de normas e valores dominantes passados aos alunos no ambiente escolar, no material didático, na relação pedagógica e rotinas escolas.

Ainda sobre o currículo oculto

Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista. Entre outras coisas o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo. As crianças das classes operárias aprendem as atitudes próprias ao seu papel de subordinação, enquanto as crianças das classes proprietárias aprendem os trabalhos sociais apropriados ao seu papel de dominação. Numa perspectiva mais ampla, aprendem-se através do currículo oculto, atitudes e valores próprios de outras esferas sociais, como, por exemplo, àqueles ligados à nacionalidade (SILVA, 2010, pp. 78-79).

Na sociedade contemporânea marcada pelo avanço tecnológico que transforma o modo de produção da sociedade há de se pensar a construção de um currículo que atenda as demandas da atualidade, que preze por minimizar as discrepâncias sociais e formar indivíduos cidadãos.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O trabalho perpassa por uma visão histórica sobre o currículo escolar desde as teorias tradicionais a teorias críticas e pós-críticas realçando a proximidade do currículo com a realidade social de cada época histórica. Evidenciando também que os fatos históricos ocorridos em diferentes espaços se interligam influenciados as propostas curriculares dos países, inclusive o Brasil, como foram à tendência tecnicista e educação progressista (Luckezi, 1994; Moreira; 1990).

Ao refletir historicamente as teorias de currículo descritas por Silva (2010), é notório que conforme a sociedade foi se organizando o currículo foi sofrendo alterações no sentido de alargar sua conjuntura que, num primeiro momento, restringiu-se a aplicação de técnicas e transmissão dos conhecimentos científicos há um currículo com maior abrangência cultural, mas pautado na questão do poder. Basta pensar o discurso que sustenta o currículo



multicultural que respeita a realidade e história de cada aluno em sua subjetividade, o reconhecimento e importância das diferentes culturas a realidade de exclusão de muitos indivíduos da escola e da sociedade por fator racial ou econômico. Conforme destaca Veiga (2000) é preciso que a escola identifique os componentes ideológicos usados pela classe dominante para manter seus privilégios – o currículo não pode ser separado do contexto social.

Conforme destaca os autores: GIROUX, 1993; VASCONCELLOS, 1995; SILVA, 2005 e VEIGA, 2002, quando se fala em currículo é preciso conectá-lo a realidade sociocultural da época, numa perspectiva de criticidade compreendendo que o currículo oculto não é algo do passado, mas ao contrário, ele está presente nas políticas públicas dos Documentos Nacionais que regem a educação nos países cabendo a cada membro de secretarias envolvidos na educação, gestor, pedagogo, professor, a postura de agentes transformadores e não reprodutores das desigualdades sociais. Conforme apontado por esses autores não há neutralidade no currículo, ele passa necessariamente por uma questão de poder determinada pelas classes dominantes.

Cabe destacar alguns pontos descritos pelos autores em relação ao currículo: “*tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados (SILVA, 2010, p.15); “não pode ser pensado apenas como um rol de conteúdos a serem transmitidos para um sujeito passivo (VASCONCELLOS, 1995, p. 56)”*”, “*materiais existentes funcionam como matéria prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão*” (MOREIRA; SILVA, 1997, p. 28) e “*Entre outras coisas o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo (SILVA, 2010, pp. 78-79)*”. Esses trechos revelam a criticidade que se deve ter ao analisar os currículos que são apresentados e assim, cientes que estão impregnados pelo currículo oculto que na maioria das vezes, zela pelo conservadorismo da educação sem ocupar-se por transformações sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os argumentos discutidos nessa pesquisa sobre as teorias do currículo revelam toda a sua subjetividade em diferentes épocas e lugares além de sua evolução. Ao estudar o currículo numa perspectiva histórica olha-se para ele e identificam-se resquícios do currículo tradicional tomando ciência que a sociedade mudou e diante da educação inovadora da



contemporânea precisa-se construir um currículo eficaz para esse contexto. Esse quadro é desafiador para o Brasil exigindo políticas públicas que respeitem o ser humano.

Portanto, alguns pontos da pesquisa são relevantes para a prática de uma educação emancipadora, que forme alunos críticos munidos de conhecimentos para transformar a si mesmos e o mundo em que estão inseridos. As reflexões sobre o currículo não se esgotam nessa produção, mas devem ser permanentes visto que ele está presente de forma implícita no dia a dia das práticas pedagógicas nas salas de aulas.

## REFERÊNCIAS

FORQUIM, Jean-Claude. O currículo entre o relativismo e o universalismo. **Educação & Sociedade**. vol.21 no.73 Campinas Dec. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GESSER, Verônica. A evolução histórica do currículo: dos primórdios à atualidade. **Contrapontos**, ano 2, n.4, Itajaí, jan/abr, 2002.

GILL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo. Atlas S.A, 2008.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias De Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKEZI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_\_. (Org.). Currículo: **Questões atuais**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

# Revista Psicologia & Saberes

---

ISSN 2316-1124

v. 9, n. 19, 2020

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 3ª Edição. Editora Autêntica. 2010.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.) **Projeto Político-Pedagógico da escola**: Uma construção possível. Papiros editora; 2002. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

Questões atuais. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).